

HABITAR A CIDADE: NARRATIVAS DO CORPO NA SOBREMERNIDADE

Giselle Soares dos Anjos¹

PLANO DE VOO

Apresentar o plano de voo é descrever minha partida, durante a disciplina da pós-graduação “Habitar a cidade: narrativas do corpo na modernidade” onde foram fornecidos estímulos sensíveis (filmes, documentário, atividade corporal) provocando reações que se desdobraram em textos síntese de cunho narrativo-poético a partir dos cinco tópicos da disciplina (habitar, cidade, narrativa, corpo e modernidade). O presente texto que escrevo é a junção das narrativas e da experiência em campo.

¹ Graduação em Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação Científica no Grupo de Pesquisa Rasuras, pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. giselle_sda@yahoo.com.br.

✉ Rua Canta Galo, 10, Jardim Marilândia, Vila Velha, ES. 29112-080.

Através, dos textos produzidos descobri paisagens, lugares, sensações e tive contato com pensamentos calorosos, completos e incompletos. Como parte da disciplina a imersão a campo foi uma atividade desafiadora. Pois, caminhar e dialogar por lugares já visitados, mas agora desviando o olhar como exercício de percepção que vai além da retina.

“UM VIAJANTE NÃO EXPLICA TUDO, PARTE DA VIVÊNCIA É MISTÉRIO”²

A cidade que eu vejo é a mesma que você vê? Trata-se de uma pergunta recorrente que faço sempre as pessoas que encontro, pois eu gosto de ouvir sobre suas cidades, nem precisa ser distante a respostas de pessoas próximas podem nos deslocar por variações de cidades. Pois, cada pessoa irá olhar, ler e narrar à cidade a partir de seus estoques de referências.

Por isso, ao falar de cidades me lembro da frase que minha professora de Antropologia, Sandra Costa, proferiu “cidades contam histórias” são várias possibilidades de leituras, tantas também são as várias produções de narrativas. Fico encantada com essa multiplicidade de olhares, acredito que isso só é possível a partir da diversidade dos seus ocupantes e das diferentes possibilidades de apropriação do espaço. Tal situação me faz lembrar o rap “Coisas do Brasil”:

Na rua a gente vê a real, negô
São coisas de Brasil, não é mole não
Sentado no sofá não vai dar, negô
Nem tudo é verdade na televisão

(SAPIÊNCIA, 2014).

O Rincon na sua letra nos leva a uma viagem pelo Brasil, ou melhor, os Brasis e sua diversidade, mas para chegar a essa pluralidade como o Rincon e conhecer a cidade no plural foi preciso sair da repetição estudo-consumo, no meu caso era necessário praticar a cidade, e foi o que eu fiz! Propus o deslocamento do meu corpo, não no modo automático, mas o corpo que convoca os sentidos e explora cidade e rompe com as imagens padrões de inovação, inteligência e progresso

² Guia de Viagem criativos da escola.

e entre outras que invadem meu pensamento, ou seria *timeline*?! E que muitas vezes a exposição a todas essas imagens e dizeres inibe meu imaginar, das múltiplas cidades existentes em uma só e que são compostos por diversas passantes que exploram aos seus modos meios de transitar por ela, os seus modos de uso e apropriação, sua gastronomia que vai além da indicação dos sites.

Precisei reconhecer minha cidade como multicultural e respeitar as outras formas de dar sentido ao mundo, estava passando da hora de experimentar e sentir na pele meus deslocamentos. A proposta de analisar minha cidade através das escolhas dos equipamentos urbanos tem como desdobramento revelar as imagens, memórias e os fazeres urbanos que carrego comigo.

Diante dos equipamentos praça e terminal de ônibus, escolhi aqueles que eu estava acostumada a Praça de Jardim Marilândia e o terminal de São Torquato, não por ser “fácil”, mas por me propor a quebra do automatismo e o fato de achar normal tudo o que me cerca. Logo, foi preciso estranhar o familiar, este foi o modo de investigação que encontrei para analisar e entoar, sendo eu moradora/investigadora. Pois, notei que ter familiaridade e proximidade, não significa conhecer de fato. Por isso, foi necessário a observação e o estranhamento, aí se encontra a mágica, pois identificamos nas brechas urbanas o (des) conhecido diante dos nossos olhos.

CONVERSADEIRA³

Saio de casa e depois de duas esquinas de longe eu avistei a Igreja Nossa Senhora Magnífica uma rua longa me aguarda até me aproximar

³ A Conversadeira trata-se de uma brincadeira, é o “brincar de conversar” diante dos afazeres nossas conversas inicia e gira em torno do padronizadas “você está bem?” “como foi seu dia?” “que bom!” “Como anda os estudos?” Abordo no texto essa brincadeira para abrir espaços para conversas acontecerem.

da Praça Arários, ou a Praça de Jardim Marilândia, assim conhecida popularmente, que está localizada em Vila Velha. Essa praça faz parte da minha infância é por onde passo e paro raramente, por isso a escolhi. Não por ser “fácil” no que se refere localidade, mas por acreditar em sua potencialidade. Foi preciso estranhar essa ligação afetuosa e familiar, apesar de tomar essa proximidade em algumas linhas, abrindo meu baú da memória.

Se você pudesse voltar no tempo, para onde iria?

Quando criança a praça era enorme para meus pés, ia sempre com minha família e adorava o parquinho e ficar na cama elástica, também ali que esperávamos as professoras da catequese chegar para abrir a igreja Nossa Senhora Magnífica, o parquinho era grande e com vários brinquedos, as crianças que não estavam no parquinho estavam andando nas motos e carros infantis elétricos pela praça. Era também na praça que muitas pessoas esperavam em dias de carnaval o “bloco das piranhas”, dali seguimos o bloco até a Praça de Cobilândia (Praça Vereador Sebastião Cibien).

Que cheiro lembra a praça? A praça nos dias de missa tinha cheiro de pipoca e nos dias de brincadeiras tinha de algodão doce e para alegrar os olhos e arrepiar o corpo tinha cheiro de bombinha estourada. Às vezes o cheiro escorria quente pelo machucado no joelho, ou era invadidos pelo monstro chamado “fumacê” que adora estragar as brincadeiras, quando estava no carro elétrico e conseguia ir mais longe do parquinho, sentia o cheiro de cerveja e do cigarro, sem contar nas delícias que tinha nas barraquinhas. Hoje, temos o cheiro da maconha que se destaca.

Hoje, muita coisa mudou...

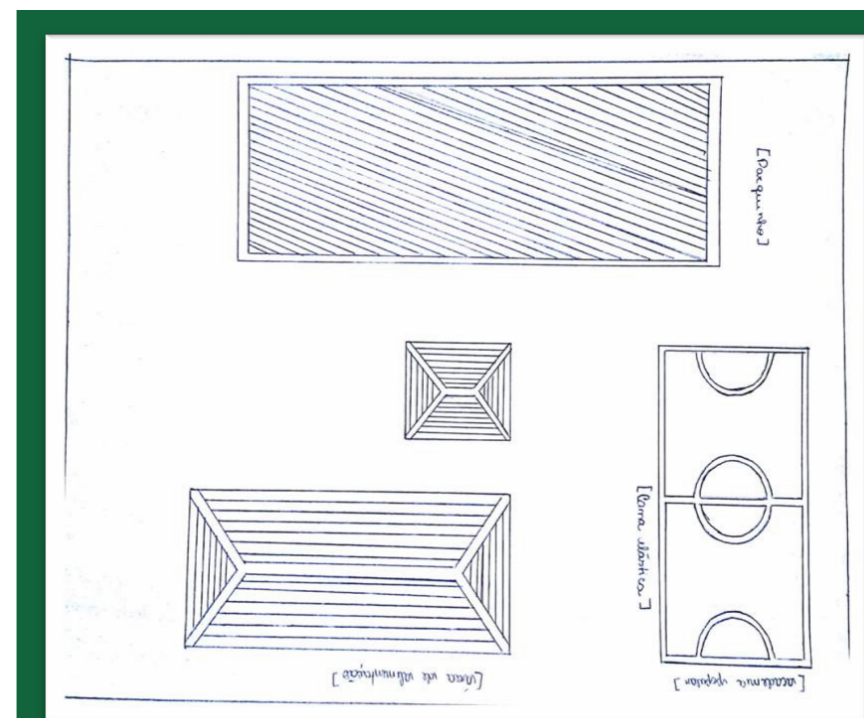


Figura 1 – Praça De Jardim Marilândia – memória
Fonte: ANJOS, G. S.

Coleciono memórias de você, nas lembranças mais antigas de mim você está.
Das mãos dadas para ir ao parque, dos cachos cheios de areia.
Da alegria das cambalhotas.
Do balançar dos vestidos na festa de São João e da canjica para aquecer e provocar o sorriso da minha mãe, de ver meu pai marcando bingo e comendo cuscuz.
Das paqueras de criança depois da igreja – correio do amor.

Finalmente chego à praça e procuro um banco para me sentar, pela manhã a praça é mais um lugar de passagens de alunos, trabalhadores, serve de parada para as pessoas que esperam o Terminal de Itaparica e Bandeirantes e para os idosos e outros frequentadores da academia popular um bom lugar para se movimentar. Diante de um vai e vem de pessoas me sinto só sentada no banco, sinto me observada. Também fui ensinada que temos que fazer algo o tempo todo, ficar desocupado nos nossos dias é um absurdo e isso me preocupa. Pelo período de almoço e com o sol no seu auge a praça não é convidativa para uma parada, são os poucos lugares de abrigo e sombra agradáveis.

Ao direcionar meu olhar para praça comecei a questionar quais equipamentos estão presente. De imediato, não estava no meu interesse falar da praça de modo geral, mas a partir da minha observação no período da tarde, olhei para quadra e sua dinâmica em fazer a praça.

Antes da reforma no ano de 2016-2017 a quadra era abandonada, mas logo depois foi ganhando destaque. Na quadra os corpos se fazem presentes, desde que quando era criança dançávamos nela, passar do tempo veio a zumba, deve batalha de rap e hoje o que a rabiscar com intensidade são corpos dos que jogam pelada. Notei que habitar a praça-quadra é entender mundos, é lidar com uma um jogo de significados. Um exercício de percepção cheio de signos e símbolos que fazem da partida um texto a ser interpretado. No início o corpo se apresenta como “corpo sem imaginação” se expondo de forma obrigatória, afinal paira na imaginação que “todos” já nascem prontos para chutar de chapa, bicicleta

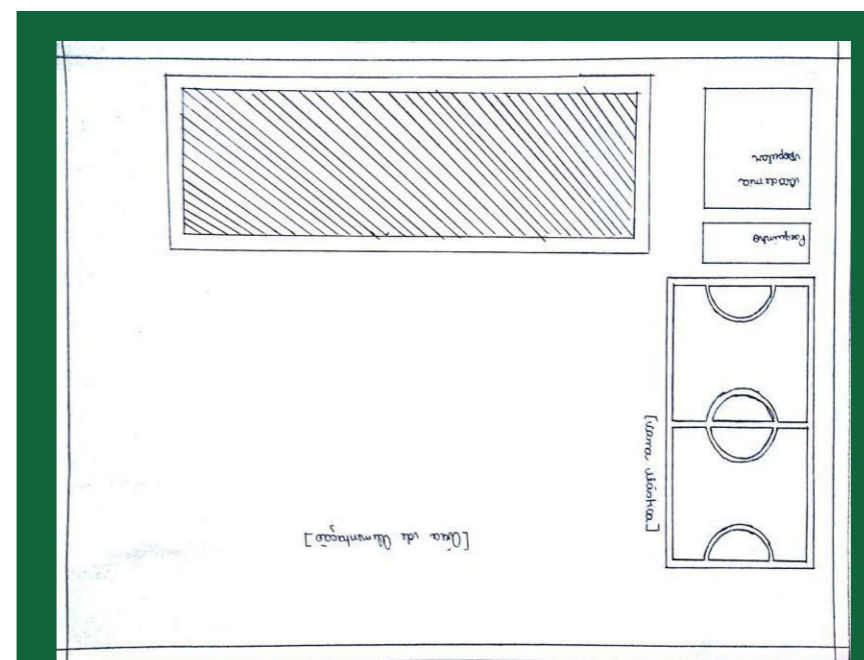


Figura 2 – Praça de Jardim Marilândia – atual
Fonte: ANJOS, G. S.

Tudo tem o seu tempo determinado, tudo muda e está tudo bem.
Transformar é preciso, principalmente nessa dinâmica urbana que tudo passa em um piscar de olhos.
Dessa vez na sua transformação nem colocaram tapumes para atizar minha curiosidade, você foi tocada, quebrada, retocada.
A olho nu! Assim não dá para brincar.

ou calcanhar, já diz a música “Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?” Diante dessa cobrança é preciso fazer bonito em quadra.

Quando se entra para a partida parece que a imaginação e a ginga convocam o corpo, aqueles meninos rabiscam a quadra com seu gingado e deixam suas assinaturas, as comemorações cheias de graças, o sorriso estampa o cenário, as mãos para o alto.

A gramática corporal se faz presente nos períodos da tarde e noite, nesse tempo os corpos falam sem se preocupar com os olhares da torcida, está na quadra remete ao exercício da co-criação do corpo no espaço público – são as danças, os barulhos emitidos através do corpo, o suor e porque não dizer um resultado da apresentação na celebração do gol.

Ao olhar fico me perguntando de onde vem a memória corporal inscrita naqueles corpos? Meus olhos contemplam a partida e as comemorações como uma dança, eles batalham uns com outros juntamente com a bola nos pés. Apesar da idade esses corpos traziam a quadra suas vivências incorporadas numa integração do passado-presente⁴.

Tais experiências corpóreas aos meus olhos apresentaram-se como criação, criatividade, inovação e que diz de modo único de cada corpo. Também há aqueles corpos que ficam de fora do jogo, mas dentro da quadra seja em pé ou sentado, contudo sem atrapalhar a partida, como suas bicicletas encostadas no alambrado. À noite tudo toma uma proporção maior, mais jovens na sua maioria homens tomam conta em volta da quadra e quem passa de longe não consegue ver bem a partida. Quem não está na quadra a expande brincando com a bola do lado de fora.

Está na praça implica em apropriações diversas, pois estamos diante de uma situação perceptiva de como os moradores/usuários entendem o mundo e o

praticam nos espaços urbanos mesmo que seja em um escala de micro práticas cidadão, elas atravessam o cotidiano atribuindo novos sentidos aos locais em que esse corpo se faz presente.

Imergir no meu bairro é sinalizar para micros resistências diárias, pois ele e todos os que o cercam são reconhecidos como bairros periféricos, está na rua, esquina, praça, beco é ato político, principalmente diante das repercussões de notícias sobre violência que atinge as cidades ocasionam certo distanciamento das pessoas com os espaços públicos, isso muito mais nas periferias, o afastamento, ou cárcere social é visto como uma estratégia de manter-se vivo.

Contudo, ainda me alegro por ver a praça cheia aos finais de semana, o medo não fez morada, me alegro também pelo corpo negro, essa é uma das características de quem ocupa a quadra em todos horários e de diferentes idades. Corpo negro presente, esse corpo está no local de discurso e propõe uma forma de investigação do espaço. Pois, se é verdade que existe um ambiente disciplinador, também é verdade que na quadra os corpos não se reduzem a ele: o riso exagerado, a fala em tom alto, as vestimentas e entre outros ultrapassam as etiquetas da cidade-branca.

⁴ Referente às comparações com jogadores antigos, como, por exemplo, as jogadas.

Você gosta disso? Isso é muito feio!
Será que eles não veem que isso não é de deus? Isso nem é música!
Para que mexer o corpo desse jeito? Parece uma maluca!
Meu corpo se apresentou de modo automático diante desses atravessamentos.
Será que tem algo de errado comigo? Por que me sinto dessa maneira?
Mas, um dia passei pela seguinte pergunta: o que pode um corpo? O que pode o meu corpo pre-
to? Pouco, a pouco meu corpo tinha sido silenciado.
Deixei que me vestissem do costumes e modos que não me correspondiam.
Dizendo que aqui não era meu lugar: Favela.
Então, gritei, chorei e coloquei aquelas palavras-tesouras todas para fora.
Reconheci que era diferente não só por fora, mas por dentro também.
Para ser mais poética: Preta por dentro e por fora.

Não sei dizer quando todos esses corpos desocupam a praça, mas o meu já retiro logo cedo e caminho para casa. **Do que você sente mais saudade?** Volto pensando em como vou realizar a atividade, não me sinto segura em fotografar e muito menos em pedir permissão para a gravação, logo recorro às minhas brincadeiras de infância: colagem. Meu modo de comunicar, por isso dobro, corto, colo, jogo tinta, pesquiso imagens em jornais e revistas, uso outras formas de narrar. Acredito demais que a brincadeira ajuda a nossa mente a ser mais criativa, me desperto para um lado cheio de possibilidades, cheio de vida.

Acredito que toda brincadeira (assim, posta) trata-se de encontro de saberes, tinta no papel, tinta no corpo – conta história e celebra a criação. Papel recortado, colado em outras texturas é que nem costurar, precisa sonhar com a peça final, analisar para além da combinação, mas sim a conversação. **O que você gostaria de aprender (ter aprendido) na escola?** Brincadeiras para a vida adulta (risos), uma pessoa querida disse que brincar é reabilitação da vida moderna, tão rígida e séria que nem lembramos mais quando rimos até doer à barriga.

De quem são esses corpos?

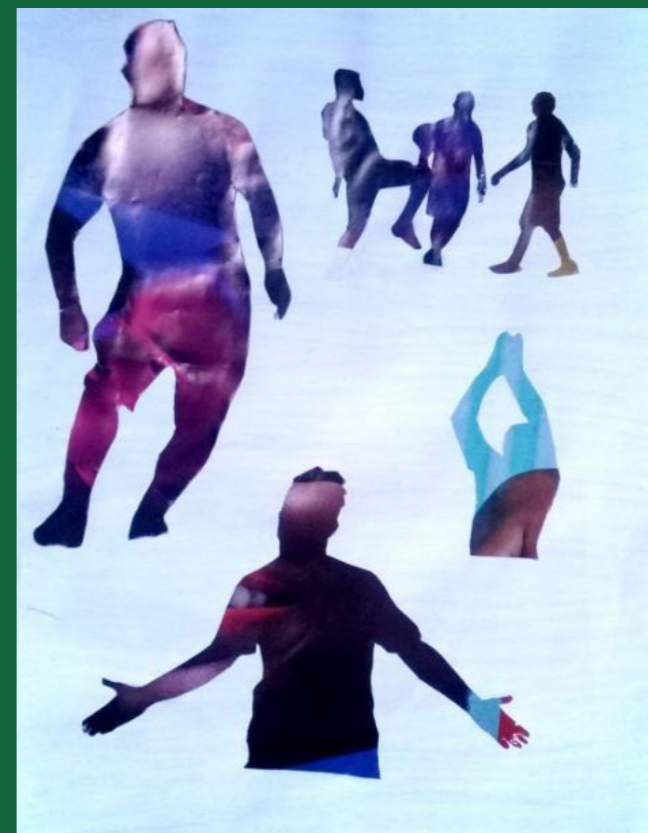


Figura 3 – Movimentos dos corpos na quadra
Fonte: ANJOS, G. S.



Figura 4 – Movimentos dos corpos na quadra
Fonte: ANJOS, G. S.

Em outro momento do campo faço o mesmo caminho em direção a praça, pois de frente para ela e na lateral dela, há dois pontos de ônibus que ligam para os terminais do Ibes, Jardim taparica e São Torquato, acredito que ao falar do terminal preciso iniciar minha narrativa pelo ponto de ônibus.

Meu trajeto se passa pela linha 626 que sai do Terminal do Ibes a destino Terminal São Torquato, a distância do ponto ao terminal não é muito grande, o que complica a viagem está no engarrafamento diário. Por isso, sempre que posso prefiro encurtar o caminho e não ir ao terminal.

Também tenho outra opção para sair e chegar ao meu bairro que é pela Av. Carlos Lindenberg, percebo que a dinâmica é diferente, o caminho do ponto até em casa é distante (nesse caso), mas já na primeira esquina avistei os meninos no fliperama e outros nas esquinas, esse é o primeiro bar que avisto. Logo em seguida, temos a padaria e antes que eu chegue à barraca de comida, o cheiro de churrasco invade minhas narinas e a fome aumenta, outro bar aparece em cena e a dúvida surge “para qual caminho eu vou?”, “sigo pela rua principal ou passo por outra? “Será que devo encarar o beco?” A rua no horário da tarde está movimentada, os trabalhadores já param no bar ou na barbearia, quando ouço meu nome. “Giselle, quer carona? Sobe na bicicleta que te levo!”



Figura 5 – Colagens sobre mobilidade urbana
Fonte: ANJOS, G. S.

Contudo, ao utilizar o terminal uma das dinâmicas que eu observo e que me provoca risos e que também me deixa nervosa são as filas feitas nas plataformas. No turno da manhã as filas se concentram em grande escala nas plataformas que passam pelo centro de Vitória no turno vespertino o movimento continua intenso, um pouco no lado das plataformas que seguem ao centro da capital. Somente no final da tarde e noite as plataformas que seguem destino aos bairros de Vila Velha e Cariacica ficam cheias, as filas se confundem e foi nessa brecha das filas que resolvi brincar.

No jardim de infância uma das coisas que aprendemos é fazer fila, a professora pede a formação da fila e ainda que coloquemos nossa mão no ombro do colega para dar uma distância e assim irmos para sala, refeitório, para o pátio. Mas, na dinâmica urbana isso não acontece.

Nas filas do terminal não tem distância e muito menos organização, há um intenso fluxo de imagens, produtos e informações, mas cada um se vira e se acomoda como pode, os espaços entre uma plataforma e outra é curta. De início, a imagem que aparece é de desordem, mas foi nesse ponto que resolvi usar imaginação e me questionar “se cada plataforma fosse uma cor?” Como ficaria esse encontro visto de cima?”

Nesse processo de imaginar que sou provocada a ter outros modos de leitura e narrativas diante dessa minha visão passiva que não comunica e dificilmente se expressa, somente consome o que lhe é oferecido.

Diante dos meus olhos surgiam filas que não havia cabimento de existir, pessoas em situações engraçadas por está em filas inexistentes e ter que voltar para o final de uma fila gigantesca, as formações de filas duplas. Nos meus momentos de usuária/investigadora fui atravessada por esse baú de cores que aguçaram meu imaginário, são fragmentos de olhares resultados das trocas de serviços, as pessoas que saem das filas para conversar com quem está na outra fila, ou a voz que corta o barulho com uma canção desconhecida.

Assim, fui juntando as cores-pessoas, intensas e nas suas diferentes tonalidades e formas, sigo usando a imaginação e propondo novos relatos.

NÃO PARA POR AQUI NÃO

Visualizar a cidade contemporânea é procurar entender o papel que as imagens (midiática, iconográfica, simbólica) têm desenvolvido sobre a vida urbana, tais conjuntos de imagens educam

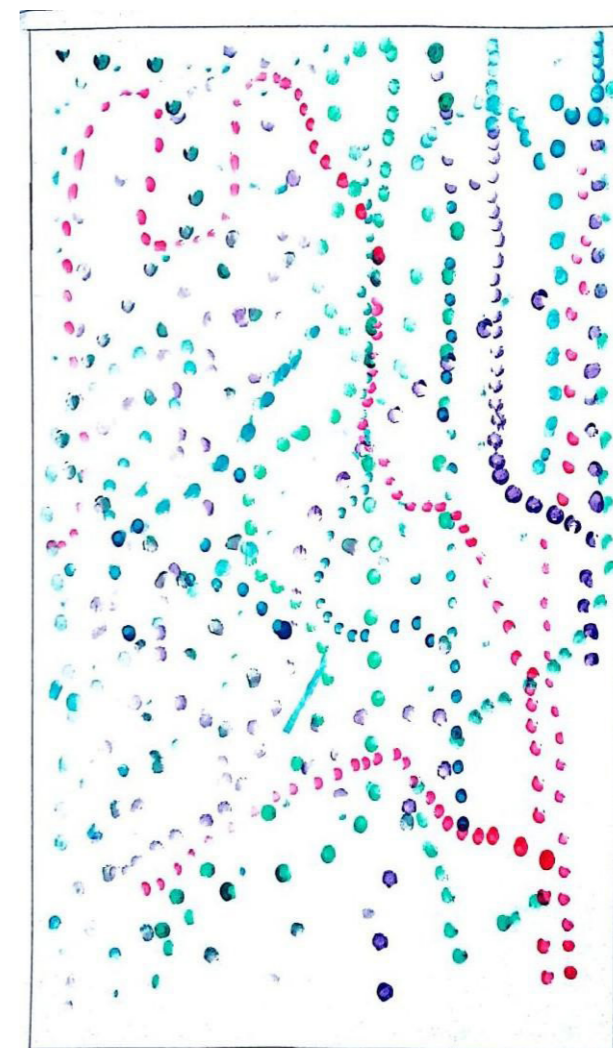


Figura 6 – Terminal em horário de maior movimento

Fonte: ANJOS, G. S.

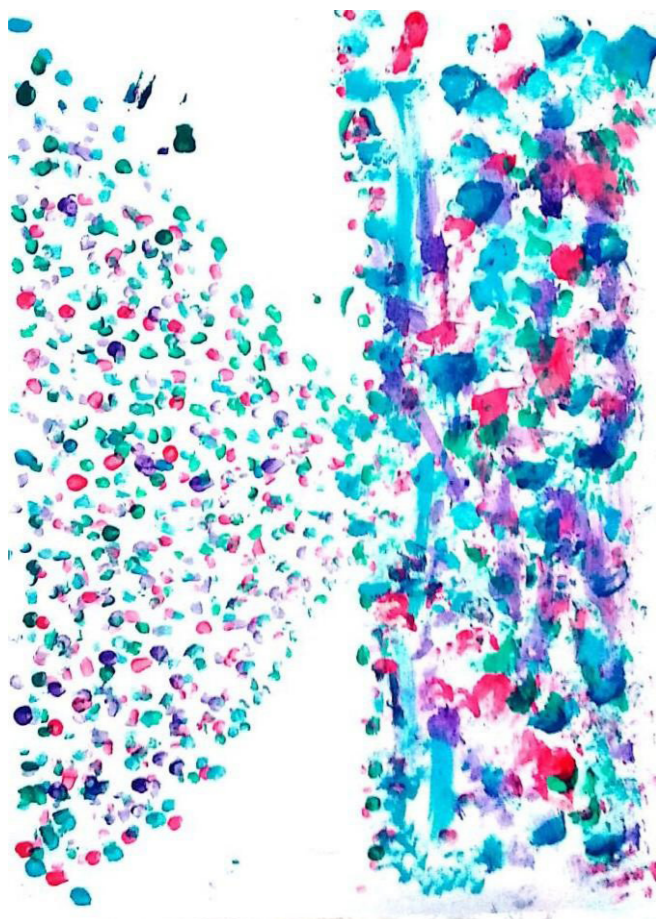


Figura 7 – Quando as “cidade” se encontra no terminal
Fonte: ANJOS, G. S.

nosso olhar (OLIVEIRA, 2009), visto que “a cidade contemporânea é feita de imagens móveis da mesma maneira que ela própria funciona como imagem” (JEUDY; JACQUES, 2006, p. 148) que acaba nos guiando sobre um determinado modo de ver, agir e pensar a imagem da cidade, reduzindo a experiência e as práticas do cotidiano citadino.

Ao referir a experiência citadina, lembro-me da minha participação das atividades laboratoriais do Projeto de Pesquisa e Extensão “Geografias da Dança: corpo, cidade, movimento”⁵. Que me mostrou que automatismo gera pobreza de experiência e que a cidade praticada se encontra no deslocamento, a cada gesto uma possibilidade. Há cenas do cotidiano que se tornam e apresentam como banais, ou simplesmente familiares, quanto mais repetidas, mais gera a fixação.

Durante nossos descolamentos somos atravessados por essa produção da imagem da cidade. Deparamos-nos com uma inundação de informações, imagens comerciais provocando uma confusão (manipulação dos desejos), perante essa multiplicação vertiginosa da comunicação (VATTIMO, 1992) o que vem a ser habitar a cidade em tempos de sobremodernidade (AUGÉ, 2010), para isso toma-se como escala analítica o corpo, ou as corpografias urbanas. A corpografia trata-se do registro da experiência urbana, como uma espécie de grafia. Que ocorre quando nos perdemos na cidade e experimentamos para além dos mapas e planos. Para essa caminhada convido Henri Pierre Jeudy, Paola Jacques (2006) e Massimo Canevacci (2004) para caminharmos por essa cidade-texto.

De acordo com o Antropólogo Italiano Canevacci, é necessário experimentar a cidade como se fôssemos estrangeiros, como atores urbanos que dão vida a cidade, aventurando-nos a percorrer outros caminhos, destacando suas multiplicidades. Janice Caifa (2002, p. 91) nessa caminhada nos diz que “habitar uma cidade é experimentar de alguma forma a vizinhança de estranhos” deixar ser afetado por outras pessoas é de certo modo mudar ou sair um pouco de nós mesmos. Propondo novos encontros, fora de nossos núcleos, se permitindo alimentar de diversas histórias e evitando um só segmento estético.


Quando apresento os corpos na praça, nas filas e meu próprio corpo me achego no que Henri Pierre e Jeudy Paola Jacques (2006, p. 9) têm para nos dizer.

⁵ Grupo de Pesquisa Rasuras, coordenado por Antônio Carlos Queiroz Filho, Universidade Federal do Espírito Santo, agosto a novembro de 2017.

A experiência corporal da cidade é o exato oposto da imagem urbana fixada por um logotipo publicitário. Pois uma experiência corporal singular não se deixaria reduzir a uma simples imagem de marca. Essa experiência da cidade feita pelo cidadão lhe dá um corpo, às vezes imaginário, um outro corpo "urbano" que se move e maneira enigmática conforme a superabundância dos cenários.

Após, essa caminhada pelo terminal e praça deixou expressa nas palavras e imagens minha escrevivência⁶, termo usado por Conceição Evaristo (2007, p. 19), que dialoga muito do que vimos por aqui, segundo a autora

Creio que a gênese da minha escrita está no acúmulo de tudo o que ouvi desde a infância. [...] Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

Diante dessa caminhada cabe perguntar "quais sensações, afetações, atravessamentos te ocorrem no seu corpo e no exercício de habitar a cidade?" Atravessar as mesmas vias o resultado será os mesmos gestos/movimentos, exercitar caminhos é exercitar o corpo, que se apresenta como traçado a novas visibilidades e narrativas. Um corpo narra, imprime e mesmo que desbote, antes foi tinta. 

REFERÊNCIAS

CAIAFA, Janice. Comunicação e Diferença nas Cidades. *Lugar comum*. n. 18, p. 91-102, 2002.

⁶ Interação entre a escritura e experiência

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Trad. Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

EVARISTO, Conceição. "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita". In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (Coords.). **Corpos e cenários urbanos**: territórios urbanos e políticas culturais. Salvador: EdUFBA, 2006.

OLIVEIRA JÚNIOR, W. M. Grafar o espaço, educar os olhos. **Rumo a geografias menores**. Campinas, v. 20, n. 3, set./dez. 2009.

SAPIÊNCIA, Rincon. Coisa de Brasil. In: SAPIÊNCIA, Rincon. **SP Gueto BR**. São Paulo: Boia fria produções, 2014.

SAPIÊNCIA, Rincon. A volta para casa. In: SAPIÊNCIA, Rincon. **Galanga Livre**. São Paulo: Boia fria produções, 2017.

SÓ DEZ por cento é mentira, a desbiografia oficial de Manoel de Barros. Direção: Pedro Cezar. Produção: Pedro Cezar; Marcio Paes; Kátia Adler. Roteiro: Pedro Cezar. Música: Marcos Kuzka. Brasil: Biscoito Filmes, 2010 (81min), widescreen, color. Produzido por Artesanato Eletrônico.

VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.